



Este artigo é publicado com uma licença Creative Commons 4.0. Com essa licença você pode compartilhar e/ou adaptar o material para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indique se foram feitas alterações.

ARTIGO

Loucura e identidade na obra *Hospício é Deus*: apontamentos de pesquisa

Éder Mendes de Paula:

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5004-734X>

Gesimar Almeida de Castro:

 Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-0549-361X>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15148114>

Resumo:

Identidade e loucura são formações subjetivas alinhadas às relações sociais e aos seus desenvolvimentos de cultura. Dessa forma, a produção de coercitividade social a partir das representações sociais e seu caráter de poder delimitam o olhar simbólico da loucura advindo das instituições manicomiais do século XX analisadas neste trabalho. O papel deste presente trabalho é realizar uma análise literária a partir de seu contexto de produção dos constructos de identidade e de loucura. O enredo da obra de Maura Lopes Cançado (2016), *Hospício é Deus*, narra o cotidiano da autora e sua condição de interna manicomial, carregando, também, este enredo, o caminho da autora até sua institucionalização. Os fins deste trabalho a partir da análise literária e da comparação com outras obras que fomentam a temática é discorrer, então, os conceitos de identidade e de loucura presentes na obra e assim efetuar apontamentos de pesquisa.

Palavras-chave: Identidade; Loucura; Saúde mental; Representações sociais; Escrita de si.

Craziness and identity in the work *Hospício é Deus*: research notes

Abstract:

Identity and craziness are subjective formations aligned with social relations and their cultural developments. In this way, the production of social coercion based on social representations and its power character delimit the symbolic view of craziness arising from the 20th century asylum institutions analyzed in this work. The role of this present work is to carry out a literary analysis based on its production context and the constructs of identity and craziness. The plot of Maura Lopes Cançado's (2016) work, *Hospício é Deus*, narrates the author's daily life and her condition as an internal asylum, also carrying this plot, the author's path to her institutionalization. The purposes of this work, based on literary analysis and comparison with other works that promote the theme, are to discuss the concepts of identity and craziness present in the work and thus make research notes.

Keywords: Identity; Craziness; Mental health; Social representations; Self-writing.

Introdução

A postulada obra, *Hospício é Deus* (Cançado, 2016), que a será analisada a seguir remete-se ao desenvolvimento diário, uma obra-diário, de Maura Lopes Cançado – escritora, jornalista, intelectual, enferma e dita: louca. A construção da obra se dá a partir da narrativa que expõe a trajetória de Maura, ela que, narrando suas problemáticas e buscando compreendê-las, está, contemporânea à produção da obra, instituída em mais um hospício dos diversos de sua bagagem. Maura é mais uma que não se compreende. Ensimesmada e aflita perante as turbulências de sua vida, foge de suas relações sociais e dicotomiza parte de seus processos subjetivos. O objetivo deste trabalho é analisar os conceitos de identidade e de loucura através do relato da obra anteriormente mencionada, escrita em formato de diário com caráter documental sobre a vida da autora, na qual se destacam os aspectos culturais que atravessaram os espaços que ela ocupou e a institucionalização experienciada por Cançado (2016). Dessa maneira, busca-se elencar ideias paralelas acerca dos conceitos sociopsicológicos de identidade, de loucura, de representação social, de institucionalização, de poder e de escrita de si inseridos no eixo de saúde mental como apontamentos de pesquisa. Espera-se, portanto, o discorrimento destes conceitos a partir da análise da obra, seu enredo e sua autoria.

Sobre Maura Lopes Cançado

Maura Lopes Cançado nasceu no interior de Minas Gérias na primeira metade do século XX. Vinda de uma família abastada financeiramente, obteve acesso à educação desde muito cedo. Passou por diversas internações manicomiais no decorrer de sua vida e dedicou parte de seu trabalho para a produção em literatura. Como relata em sua obra-diário *Hospício é Deus* (2016), foi uma mulher de conflitos subjetivos¹ e esteve rodeada do ambiente institucional no qual se tratava os loucos de sua época por boa parte de sua vida.

Estar internado no hospício não significa nada. São poucos os loucos. A maioria compõe a parte dúbia, verdadeiros doentes mentais. Lutam contra o que se chama doença, quando justamente esta luta é o que os define: sem lado, entre o mundo dos chamados normais e a liberdade dos outros (CANÇADO, 2016, p 23).

Durante sua vida, Maura Lopes Cançado esteve em diferentes espaços culturais e geográficos, mas, ainda assim, relata o peso simbólico do interior mineiro a qual foi criada em suas vivências externas a ele:

Eu não seria hoje o que sou se não fosse mineira. A Minas devo o meu caráter introspectivo, minha busca constante do absoluto e a disciplina que consigo me impor quando o desejo, essencial ao estudo e à criação (CANÇADO, 2016, p. 70).

A partir de seu contato mais íntimo com as letras, torna-se, então, profissional do Suplemento Literário do Jornal do Brasil (Cançado, 2016) e, com essa delimitação profissional, uma escritora de publicações reconhecidas. A literatura, parte da percepção de mundo do sujeito, engloba fatores histórico-culturais de quem a produz no gesto verossimilhante de transmitir o mundo pela via da linguagem escrita (Baiocchi; Niebielsk, 2009). “Em contrapartida, porém, o escritor constitui sua própria identidade mediante essa recolecção das coisas ditas” (FOUCAULT, 2002, p.143). No ato de escrever sobre si, aglutinando seu mundo pessoal e seu mundo social, Maura edifica a si e constrói paralelamente identidade e literatura.

Como escritora, vai ao Rio de Janeiro na tentativa de elaborar sua carreira como literata e sem muito com o que seguir, é mantida com apoio de um amigo (Cançado,

¹ Como relata Silva (2014), em sua obra *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*, conflito subjetivo faz parte da emergência de uma crise identitária diante do embate em pertencer e não pertencer ao domínio que resguarda a amplitude do eu e do outro.

2016). A autora não dá detalhes minuciosos quanto à sua chegada no jornal que a acolheu (Suplemento Literário do Jornal do Brasil) e efetivou suas publicações, outrora, discorre as circunstâncias que fizeram com que ela caminhasse por este caminho. A alteridade necessária para seu fomento identitário (Pesavento, 2013) já não mais existia, ou sequer existiu. Em Minas Gerais, seu dinheiro herdado havia acabado e sua busca por um objeto que lhe agregasse independência estava perdida em Minas (Cançado, 2016). Parte do dinheiro gasto por Maura estava aplicado em internações psiquiátricas autônomas em hospitais luxuosos privados em Belo Horizonte como narra em seu diário.

Maura narra sua chegada ao Rio de Janeiro como uma tentativa de reorganizar sua vida diante das turbulentas internações enfrentadas em Minas Gerais e também de seus conflitos parentais. Tudo isso a partir do apoio de um amigo.

Quando ninguém acreditava em mim, quando nem eu mesma acreditava, Hermínio Guerra lamentava a estupidez dos que me ignoravam. Foi o único amigo que encontrei em Belo Horizonte. Amigo, mesmo para sair de lá: emprestou-me algum dinheiro. Vim para o Rio. Nada me impulsionava a não ser a certeza de estar fazendo o que todos de casa desejavam. Como sofri ao tomar o avião: o que me esperava? Que podia eu fazer no Rio? Meu pouco dinheiro, o coração doendo de incerteza e medo (CANÇADO, 2016, p. 235).

Outrossim, identificação, cultura e instituição manicomial estão consoantes ao processo de trabalho e vida da autora; uma escritora de instabilidade subjetiva que investe em sua produção literata e se debruça sob a instituição psiquiátrica concorrente em sua vida.

Na condição de interna manicomial, reflexo de seus conflitos subjetivos e de suas relações institucionais, elabora-se o relato de uma história marcada por problemas envolvendo a saúde mental e o tratamento dos loucos que lá estiveram embargados. Dessa forma, o constructo de seu diário carrega consigo a escrita de si e a descrição institucional do higienismo mental que traçou o século XX e deixou marcas na história da psiquiatria (Costa, 2007).

Dessa maneira, a história de Maura está agregada à instituição manicomial pois o seu vasto contato com este campo traduz também sua forma de pertencimento.

Acho-me na seção Tillemont Fontes, Hospital Gustavo Riedel, Centro Psiquiátrico Nacional, Engenho de Dentro, Rio. Vim sozinha. O que me trouxe foi a necessidade de fugir para algum lugar, aparentemente fora do mundo. [Ou de – Era tão grave. Proteção? Mas aqui, onde não parecem me querer bem e

sofri tanto? ‘Não me querer bem?’ talvez seja a minha única maneira de ser amada] (CANÇADO, 2016, p. 30).

Assim desenvolve seu discurso historiográfico na sua obra: como personagem que exerce trocas e deixa suas marcas sociais por onde passa, a elaboração do enredo se dá no relacionamento das vivências contemporâneas ao período de escrita da mesma e das construções que edificaram a Maura até aquele momento.

Hospício é Deus (2016) se torna então um trabalho construído de forma não linear que em seu plano apresenta uma interna manicomial e seu contexto de vida englobado à sua hodierna situação: diário que dispõe cronologicamente o desenvolvimento do personagem central; aquele que narra a si.

É nesse sentido que a autora apresenta também sua primeira carta em diário, remetendo-se para a comunhão de seu espaço de atuação e suas personalidades quanto a se encontrar neste local. Na figura do louco, aquele que não corresponde ao aparato social (Paula, 2011), configura-se interna manicomial e distante socialmente de uma reintegração humanizada: foi talvez a busca de Maura por um lar que a determinou interna manicomial.

Em suma, a finalidade demonstrada por Maura em sua obra estava para sua propriocepção e seu auto entendimento – mulher das dúvidas e das letras, logrou sob a regência de sua loucura e sociabilidade. Discorre sobre a eternidade da loucura, fala de suas instabilidades sentimentais e, em meio a tamanha dicotomia, consegue observar o descaso da saúde pública e combater, via agressão e suas articuladas rebeldias, a imposição e identidade que deram a ela: louca, diferente dos normais, anormal à realidade comum. Maura lutou, narrou e é prova de uma saúde psiquiátrica problemática de base eugênica e higienista do século XX (Costa, 2007).

Por que Hospício é Deus?

Maura traz consigo na construção de sua obra, narrando um pouco de sua história enquanto criança, os laços religiosos que se misturavam aos costumes da região mineira. Nessa lógica, ao refletir sobre o desenvolvimento sociocultural dessa região, sua cultura e horizontalidade - as formas como o poder de representar está definido no panorama que

condiz com a realidade do povo - se tornam os modelos de organização social vigentes. Representações sociais (Moscovici, 2007) são maneiras de organização social e um meio de representar comum aos envolvidos que estão atrelados aos traços da estrutura comunitária por dinâmicas culturais, processos estes estruturantes à maneira de representar o mundo da autora. Maura, garota mineira, é figura que simboliza e partilha deste meio de representações de cultura.

Passou-se muito tempo, senti sono e pedi-lhe: – Se eu dormir você me lembra quando Didi chegar? – Sim – respondeu-me. Acordei em minha cama. Era de manhã. – Judite chegou – diziam-me. Corri a meu quarto. Acordei-a, beijou-me e mostrou-me duas caixas: – O branco é seu e o vermelho, da Selva. Eram dois chapéus muito bonitos. Só me restava ficar com o branco, pois me vestiram de azul e branco até sete anos (promessa feita a Nossa Senhora, quando estive muito doente). Qual era mais bonito, o branco ou o vermelho? Naturalmente o vermelho, pensei (CANÇADO, 2016, p. 7).

Outrora, a religião presente nos processos culturais da região em que Maura cresceu fomenta parte dos atributos morais direcionados à coesão social que ali se mantinha. “A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e demarcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.” (SILVA, 2014, p. 81), nesse interim, estabelecidas suas relações de identidade e diferença nas relações de cultura, Maura está sujeita ao poder coercitivo que existe antes mesmo de sua formação subjetiva; logo, em sua maneira de representar: “O fenômeno das representações sociais pode, neste sentido, ser visto como a forma como a vida coletiva se adaptou a condições descentradas de legitimação” (MOSCOVICI, 2007, p. 17) não pode se emancipar dos vínculos sociais incipientes à cultura que a formou como sujeito que representa.

Foi neste mesmo espaço que durante sua vida estudou em instituições religiosas, casou-se jovem e, na tentativa de se estruturar academicamente, esteve sob a vigência do viés cultural de sua região e das dependências do tratamento quanto a uma mulher jovem, com um casamento rompido e mãe solteira. Culturalmente, Maura estava fadada aos parâmetros patriarcais, religiosos e coronelistas de sua terra.

Aos dezessete anos, mãe, compreendendo a inutilidade de minha vida na fazenda, admitindo e desejando-me um melhor futuro, incentivou-me a voltar a estudar, proporcionando minha ida para Belo Horizonte, onde eu deveria ficar interna em algum colégio. A perspectiva de voltar a ser “menina

de colégio interno” entusiasmei-me, arrei-me das melhores intenções, senti que de novo me integraria em meu próprio meio, longe do estigma “casada e separada do marido”. Em Belo Horizonte, com todo o meu enxoval do colégio pronto e tudo me parecendo normalizado, quando fui me internar, a diretora do colégio Isabela Hendrix, sem nenhuma explicação lógica, se recusou a receber-me. [...] A pessoa a quem mamãe pedira para acompanhar-me, um amigo da família, expusera todos os detalhes. Eu mesma pedira que não me permitissem visitas, a não ser de meus familiares. (Mais tarde, vim a saber a razão daquilo: uma pessoa de minha terra fora ao colégio acusando-me de maus costumes.) A injustiça pesou-me, sofri desgraçadamente, não me foi possível compreender minha posição na sociedade (CANÇADO, 2016, p.68).

Nesse seguimento cultural, a Maura de construção tradicional mineira tem seu primeiro encontro com instituições psiquiátricas ainda em Belo Horizonte. Detentora de parte da herança advinda da perda de seu pai (Cançado, 2016), na emergência de sua crise identitária, insere-se em hospitais psiquiátricos privados que a mesma narra um caráter luxuoso e de tratamento privilegiado – vide seu período de escrita da obra, em que a mesma se encontra em um sanatório público e pode assim compará-lo aos demais de sua bagagem.

Como o vivenciado por Maura, o processo institucional da loucura é parte de uma resultante cultural do movimento separatista envolvendo a figura do louco no século XIX e XX (Weber, 2008). Portanto, o louco, visto por um olhar patológico incipiente ao biologismo deste tempo (Costa, 2007), foi vítima de um postulado ideológico eugênico que atravessou a barreira filosófica e tentou se ascender cientificamente. As relações de sociedade, de instituição, de ciência e de loucura coadunam-se no desenvolvimento ideológico desta época. A crise identitária que marca Maura e suas relações de pertencimento tem raiz cultural e de suas representações; o encontro de Maura com esse movimento higienista se faz vivo na tentativa desta mulher segregada alçar um lar: a crise identitária de Maura se mistura à loucura no momento em que ela se dispõe ao sanatório, pois a loucura institucional muito esteve ligada às noções de loucura da época (Costa, 2007).

As representações que configuram o sujeito como cita Moscovici (2007):

Mais frequentemente, as representações sociais emergem a partir de pontos duradouros de conflito, dentro das estruturas representacionais da própria cultura, por exemplo, na tensão entre o reconhecimento formal da universalidade dos Direitos do homem, e sua negação a grupos específicos dentro da sociedade (MOSCOVICI, 2007, p. 16).

Estas representações estão no emaranhado da cultura que, no caso de Maura, muito se agrega à religião:

Creio ter tido várias alucinações à noite. Eu crescia e cresciam meus temores: o escuro, a noite, a morte, o sexo, a vida – e principalmente Deus: de quem nada se podia ocultar. [...] Mas a verdade é que fugia-lhe como julgava possível – e jamais o amei. Deus foi o demônio da minha infância (CANÇADO, 2016, p. 15).

O Deus que a Maura foi apresentado comunga de uma onipotência a qual ela teme. Instabilidade de identidade, cultura e instituição formatam o plano: “o que me assombra na loucura é a eternidade” (CANÇADO, 2016, p. 24). Junta dos loucos – instalados institucionalmente, diferentes das demandas sociais e segregados – como traz Paula (2011) “Sem os espaços de emissão e legitimação do discurso excludente/enclausurador não há categorização de louco e conseqüentemente a produção da loucura institucionalizada.” (PAULA, 2011, p. 47) as formações sociais de Maura alcançam o gesto comparativo da instituição ao divino: Hospício é Deus.

A cultura faz parte do movimento institucional da loucura (Weber, 2008) e consigo também parte da relação do louco com o manicômio. Nesse prisma, Maura, tratada como louca (e louca esta que se interna de forma autônoma), é símbolo de como a cultura retrata a imagem do louco e como a crise identitária do sujeito fomenta sua posição social e o entendimento de si. Maura, na tentativa de compreender o mundo que lhe é apresentado, compreender, também, a si, na tentativa de encontrar seu pertencimento cultural e identitário, alinha-se à realidade manicomial do século XX.

Sua visão de loucura e sua identidade formatam o nome direcionada à obra. A obra, um diário, uma escrita de si, nasce no direcionamento subjetivo e na maneira de se comunicar com o outro e consigo – tal como traz Foucault na obra *O que é um autor?* (2002), quando discorre sobre a produção textual que constrói a narrativa e paralelamente elabora a identidade de autor – na produção de uma literatura auto direcionada.

Em síntese, o movimento ideológico vinculado aos Hospitais Psiquiátricos do século XX se tornou então o encontro de subjetividades (Weber, 2008). Aqueles que compunham o sanatório, tornaram-se um aglomerado de subjetividades silenciadas pelo estigma da loucura como movimento institucional (Paula, 2011). E o Hospício para Maura se configura como parte de sua identidade e de suas conturbações quanto às

representações que lhe foram asseguradas: o encontro de loucura e de identidade que corrobora o *Hospício é Deus* (2016).

Considerações Finais

Por fim, é importante reavaliar o processo de construção da obra *Hospício é Deus* (2016) a partir do olhar humanizado para autora que transmitiu, em seu enredo, parte de sua trajetória de vida que a levou a institucionalização manicomial. A escrita de si é, claramente, um fator que converge o processo identitário ao cultural da autora, que no campo de suas representações permite a análise da produção literária e os fatores subjetivos e sociais que acompanham esse desenvolvimento. Assim, apontamentos para um novo olhar acerca do poder, das relações sociais, da saúde mental, da institucionalização, da loucura e da identidade são pleiteados no que diz a produção de Maura Lopes Cançado em *Hospício é Deus* (2016) e sua trajetória de vida inserida, em boa parte, na história da psiquiatria e da loucura do século XX, a fim de que exista uma conscientização sobre o poder do trabalho institucional do século passado, que corroborou o encontro de subjetividades estigmatizadas e enclausuradas pelas relações de saber-poder vigentes.

Referências

- BAIOCCHI, Alexandre; NIEBIELSKI Dileuza. Psicologia e literatura: um diálogo possível. *Travessias*, v. 3, n. 3, p. 153-160, 2009. Disponível em: <https://api.semanticscholar.org/CorpusID:151950947>. Acesso em: 25 dez. 2023.
- CANÇADO, Lopes. **Hospício é Deus**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- COSTA, Jurandir Freire. **História da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- FOUCAULT, Michel, **O que é um autor?** Lisboa: Vegas, 2002.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2007.

- PAULA, Eder Mendes de. **Os sons do silêncio: o louco e a loucura em Goiás**. 2011. 146 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2011.
- PESAVENTO, Sandra. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autentica, 2013.
- SILVA, Tomaz, **Identidade e diferença A perspectiva dos estudos culturais**, Petrópolis: N-15 Vozes, 2014.
- WEBER, Maria. **Narrativas da loucura e histórias de sensibilidades**. Porto Alegre: N-1 Editora da UFRGS, 2008.

Éder Mendes de Paula: é professor do curso de História da Universidade Federal de Jataí, coordenador do GEPHS – Nise da Silveira/CNPq.
Email: edermendes@ufj.edu.br

Gesimar Almeida de Castro: é aluno do curso de Psicologia da Universidade Federal de Jataí, e membro do GEPHS – Nise da Silveira/CNPq. Bolsista de Iniciação Científica/CNPq.
Email: gesimar.almeida@discente.ufj.edu.br

Aceito em 25/09/2024

Publicado em 04/04/2025